

Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil

Isabella Mozzillo (UFPel)

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir mitos que circulam não apenas entre leigos, mas entre profissionais, sobre a aquisição bilíngue da linguagem. Embora não se sustentem, tais ideias prontas interferem no comportamento de pais e professores que, mesmo desejando manter e desenvolver a língua de herança, desconhecem a forma de fazê-lo temendo prejudicar as crianças. Através de asserções coletadas em diversos âmbitos, mostraremos que por mais que a maioria da população mundial não seja monolíngue e que grande parte tenha adquirido suas línguas na infância, conforme os estudos no âmbito das Línguas em Contato, a temática ainda suscita dúvidas de variado tipo na comunidade.

Palavras-chave: bilinguismo infantil; equilinguismo; bilinguismo precoce; bilinguismo equilibrado; *code-switching*

1. A questão do bilinguismo

Povoa o nosso imaginário ocidental a ideia de que o normal e o esperado é o monolíngüismo. Tal concepção existe, no mínimo, desde o conhecimento do episódio bíblico da Torre de Babel segundo o qual as pessoas, por desobedecerem a Deus, foram obrigadas a deixar de falar uma única língua e sofreram o castigo divino do multilingüismo.

Isso pode explicar o surgimento do ideal de que cada sociedade tem a sua língua única, compreendida e falada por todos, o que implica que o domínio de mais de uma por parte de indivíduos ou de grupos só é tolerado se houver o respeito à norma monolíngue de cada uma delas. Todo contato, mistura, hibridação, influência de uma sobre a outra é considerado nocivo à pureza de cada um dos sistemas em questão. (MOZZILLO, 2008)

Pensar dessa maneira é um reforço nocivo para a crença de que existem línguas puras, sistemas linguísticos sem mácula, que não devem nem podem se misturar com elementos de outros sistemas para não correrem o perigo de se tornarem “língua nenhuma”, como pejorativamente se trata o produto das línguas que mantêm contato.

O medo da descaracterização da língua nacional permeia muitas sociedades nas quais se acredita que cada pessoa deve falar uma só língua e que, se falar mais de uma, deve mantê-las sempre separadas. Esse preconceito deriva, portanto, da crença de que existe algo como a pureza linguística, isenta de contaminação estrangeira (GARCEZ e ZILLES, 2000)

Trata-se de uma ameaça causada pela ideia equivocada de que se podem controlar os caminhos da língua, que esta deixará de ser gramatical, de ser nossa, de ser corretamente falada se não for isolada da contaminação de outras.

Esse tipo de isolamento não existe nas línguas do mundo e o emprego de mais de uma, tanto na fala de alguns indivíduos em situação de comunicação, como no caso de comunidades inteiras, deve ser considerado como natural e não visto como um insulto à integridade de cada uma.

Por mais que seja sabido que no Brasil há mais de 200 línguas faladas como maternas (OLIVEIRA, 2000), não é de conhecimento público o fato de sermos um país multilíngue como, certamente, todos os do mundo o são. Costuma-se aceitar sem crítica a informação de que o português é a língua única de todo brasileiro.

Dessa forma, as línguas minoritárias continuam muitas vezes apagadas, após terem sido reprimidas em outras épocas por políticas linguísticas, que, ao temerem prejudicar a integridade da língua nacional, foram contrárias à utilização de mais de um idioma pela população.

Considerando que, conforme Grosjean (1982), a maioria das pessoas domina em algum grau, mais de uma língua, vemos que a maior parte da população mundial é bilíngue ainda que em graus diversos.

Assim, ao ter contato com mais de um sistema linguístico, individual ou socialmente, o falante está automaticamente fadado a conectá-las em algum momento e, ao se deparar com alguém que compartilha as suas línguas, o fará de forma inevitável. Isso ocorre porque todo falante bilíngue apresenta um comportamento linguístico próprio no momento em que interage com um interlocutor que ele reconhece como detentor do seu mesmo par de línguas: o *code-switching*. A capacidade de lançar mão de elementos de uma e outra língua durante a conversação bilíngue constitui recurso comunicativo da maior importância.

Tal fenômeno é natural e inerente à condição de usuário de mais de um idioma, sendo estratégia de adaptação comunicativa benéfica do ponto de vista pragmático, um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua conforme os elementos particulares a cada situação interativa. (MOZZILLO, 2008)

Durante muito tempo a alternância de línguas na mesma conversação foi considerada a prova de um déficit por parte do falante quem seria incapaz de dominá-las em separado e as misturaria a fim de se comunicar.

A maioria dos monolíngues costuma, ainda hoje, julgar o *code-switching* como um insulto à gramática de sua língua. É comum também que os próprios bilíngues apresentem preconceitos do mesmo tipo e que afirmem categoricamente não fazê-lo ou admitam que quando o fazem deve-se à preguiça de pensar.

Entretanto, o *code-switching* não constitui uma mistura agramatical de duas línguas não totalmente dominadas, mas uma estratégia comunicativa que é sinal de clara habilidade linguística e cujo objetivo é o de transmitir informação de maneira mais interessante. Não se trata, desse modo, de uma estratégia alternativa empregada por falantes incapazes para continuar a conversa no idioma com o qual esta começou. É claramente uma habilidade para negociar mudanças no que se refere a distanciamentos e aproximações sociais entre o locutor e os interlocutores bilíngues.

A valorização das práticas plurilíngues passa por uma conscientização de que o emprego de mais de um sistema é natural e de que nada há de problemático no fato de se misturar, seja no nível do enunciado, seja no nível da frase, elementos de um ou outro sistema linguístico. (MOZZILLO, 2008)

2.A questão do bilinguismo infantil

Atualmente vemos um crescente interesse no estudo do desenvolvimento da linguagem por parte de crianças bilíngues devido à conscientização da importância do multilinguismo em nosso mundo tão internacional.

Pesquisar crianças bilíngues pode contribuir para a abordagem dos problemas gerais da linguagem infantil ao mostrar seus limites e ao auxiliar o debate da aquisição monolíngue. O desenvolvimento bilíngue da linguagem pode, então, ser extremamente informativo do ponto de vista teórico porque ajuda a estabelecer as fronteiras dentro das quais o processo de aquisição da linguagem deve se desenrolar.

Por tais razões, a criança bilíngue constitui o “par combinado perfeito”, o sujeito ideal para a pesquisa interlinguística que investiga o impacto relativo de fatores específicos da língua e de fatores mais universais na aquisição.

Para De Houwer (1997), existem inúmeras vantagens no desenvolvimento da criança como bilíngue precoce, pois o bilinguismo induz uma separação desde muito cedo da palavra e do referente, desenvolve a capacidade de concentração e de análise das propriedades estruturais da linguagem.

A criança que é exposta a duas línguas desde o nascimento ou na primeira infância terá maior concentração nas propriedades formais de cada uma, o que implica a capacidade de adquirir certas construções gramaticais mais rapidamente e com menos problemas do que a monolíngue. Ao conviver no ambiente bilíngue, compreenderá as regras de cada língua de maneira mais sintonizada do que ocorre com a criança monolíngue e desenvolverá a consciência linguística mais cedo, em torno dos dois anos de idade. (MOZZILLO, 2000a)

A criança bilíngue não difere da monolíngue na aprendizagem da língua. Como a monolíngue, presta muita atenção ao input que recebe e desde cedo faz escolhas linguísticas por notar que o input varia conforme o interlocutor com quem deseja falar. Mesmo que os erros das bilíngues sejam diferentes dos das monolíngues, é possível que os erros das bilíngues não se devam à influência interlinguística. É provável que os bilíngues sigam o curso de desenvolvimento dos monolíngues da mesma idade, o que reforça a hipótese de que desenvolvem dois sistemas morfossintáticos separados.

O bilíngue passa pela fase do balbucio, pelo estágio de uma palavra, de duas e o estágio de várias orações. Não há maiores atrasos nas idades em relação ao monolíngue embora não existam muitos estudos comparando os dois tipos de sujeito. A ordem de aquisição das palavras coincide entre o monolíngue e o bilíngue em cada uma das línguas. Para cada uma das línguas, respectivamente, as crianças bilíngues cometem o mesmo tipo de erro dos monolíngues e usam estruturas semelhantes em estágios semelhantes do desenvolvimento. (DE HOUWER, 1997)

Durante a aquisição bilíngue da linguagem, o momento e a forma em que as línguas são apresentadas à criança pode variar. Em tal situação há três aspectos fundamentais a serem considerados: a(s) língua(s) que os pais falam com o filho, a(s) língua(s) materna(s) dos pais, até que ponto a(s) língua(s) dos pais reflete(m) a(s) língua(s) dominante(s) da comunidade.

As crianças que adquirem ambas as línguas antes dos três anos - seja por exposição constante desde o nascimento seja por exposição a uma logo após a outra cronologicamente – terão como resultado normal o equilinguismo, também denominado

bilinguismo equilibrado, o fenômeno do desempenho em mais de uma língua como se o falante fosse nativo de ambas.

Também poderão se desempenhar como nativas de dois ou mais sistemas as crianças que, antes dos 10 anos de idade aproximadamente, adquirem outra língua após a aquisição básica da primeira. Podem fazê-lo através de aprendizado formal do tipo imersão ou em situações naturais de interação. Em ambos os casos deve haver contato prolongado com falantes nativos.

Como o ambiente linguístico da criança bilíngue pode ser mutável, o input em uma das línguas pode, então, cessar por períodos prolongados, o que acarreta a perda ou o desgaste da linguagem. O grau de competência na língua e a idade desempenham grande papel sobre a manutenção do controle produtivo sobre uma das línguas. O uso ativo da língua em desuso decresce por ausência temporária ou diminuição do input, o que significa que não só o tipo, mas a quantidade de input, são importantes no processo evolutivo. A quantidade desigual de input nas duas línguas afeta a produção embora não a compreensão.

Ainda conforme De Houwer (1997), o comportamento bilíngue adulto típico envolve o uso de alternância de códigos linguísticos no mesmo discurso de acordo com vários fatores determinantes. A mesma situação ocorre no bilinguismo infantil segundo o processo de socialização, bem como as atitudes normativas ou permissivas dos pais ao reagirem ao uso de enunciados mistos ou à escolha errada da língua. A correção explícita ou repetição e posterior tradução contribuem para a consciência das crianças sobre seu bilinguismo.

A maioria das condições reais de input bilíngue enquadra-se em algum ponto de um *continuum*. Em um dos extremos ocorre a separação total das duas línguas pela pessoa, no outro extremo ocorre a total falta de separação das mesmas. A separação total é praticamente impossível visto que, mesmo os pais que afirmam usar apenas uma língua com o filho, fazem-no na outra ou colocam elementos de ambos no mesmo enunciado de vez em quando.

Embora justapondo as duas línguas na mesma palavra e/ou na mesma sentença, a criança tem noção, desde cedo, do idioma em que deve falar conforme a situação.

Segundo Lanza (1992), a capacidade de realizar inserções de um idioma no outro começa por volta dos dois anos de idade e evolui de acordo com o amadurecimento linguístico da criança. Com a idade, adquire-se a habilidade de alternar de código de maneiras mais sofisticadas e de acordo com motivações pragmáticas.

Nesse sentido, Meisel (1989) afirma que uma criança exposta a dois idiomas desde cedo tem condições de separar os dois sistemas gramaticais sem passar por nenhuma fase de confusão temporária. Os pequenos bilíngues aplicam de forma consistente as regras de ordenamento das palavras em cada língua, bem como as de marcação de caso e de conjugação verbal. Não há confusão ou incapacidade de distinção dos dois estoques lexicais quando a criança atribui uma terminação da língua A a um radical da língua B, ou vice-versa, justamente como decorrência de uma capacidade de elaborar pontes entre os sistemas, de fazer equivalências entre os idiomas, de explorar ao máximo ambos os códigos.

Embora, conforme Deprez (1994), o conjunto das produções infantis bilíngues coincida quase totalmente com o dos monolíngues, há falas em que aparecem os dois idiomas e que podem ser incompreensíveis para ouvintes não detentores do mesmo par de línguas. Tal autora fornece vários elencos de produções de crianças bilíngues nos quais as duas línguas convivem na mesma sentença.

Segundo suas estimativas, na primeira fase da aquisição, há grande número de empréstimos lexicais: colocação de palavras da língua A em frases produzidas na língua B ou vice-versa. Em geral, a maior parte dos empréstimos recai sobre substantivos, adjetivos e verbos. A seguir, amostras de falas de bilíngues de dois anos e meio.

Em (1-4) observa-se o caso de uma criança detentora do par francês/inglês:

- (1) il est **red**, le **book** (ele é **vermelho**, o **livro**)
- (2) **me** aussi (eu também)
- (3) y a plus d'**ice** (não há mais **gelo**)
- (4) tu **coming?** (tu **vindo?**)

Em (5-8) verifica-se a produção de outra bilíngue da mesma idade cujas línguas são o francês e o espanhol:

- (5) laquelle **falta?** (qual **falta?**)
- (6) **ya no puede** bouger (**já não pode** se mexer)
- (7) jusqu'au **caballo** (até o **cavalo**)
- (8) des petits **patos** (pequenos **patos**)

Em (9-14) há ocorrências em que a combinação de partes das duas línguas na mesma palavra gera um item agramatical em ambos os sistemas. Deprez (1994) fornece exemplos de palavras híbridas **espanhol/francês**, pertencentes ao léxico do francês mas com a aplicação das regras de gênero e de flexão verbal do espanhol.

- (9) *traviersan - em vez de **atraviezan** (francês: traverser)
- (10) *desina - em vez de **dibuja** (francês: dessine)
- (11) *lurdo - em vez de **pesado** (francês: lourd)
- (12) *finido - em vez de **terminado** (francês: fini)
- (13) *carota - em vez de **zanahoria** (francês: carotte)
- (14) *mutarda - em vez de **mostaza** (francês: moutarde)

O bilíngue precoce pode ter seu processo aquisicional bastante modificado em cada um dos sistemas por força da convivência com o outro. Assim, determinadas propriedades gramaticais podem emergir mais cedo do que ocorre normalmente com crianças monolíngues devido ao nível mais avançado de complexidade sintática de uma língua em relação à outra.

Nesse sentido, Mozzillo (2000b) relata o caso de uma criança de dois anos, bilíngue espanhol/português, que adquiriu o som [ʒ] em português antes da época em que normalmente aparece no repertório infantil devido ao fato de já tê-lo adquirido antes em espanhol, língua na qual o pronome pessoal 'eu' é pronunciado [ʒo].

Köppe (1996) conclui no mesmo sentido e acrescenta que a mistura lexical pode envolver palavras que não estejam momentaneamente disponíveis no outro idioma. Através de suas pesquisas, verifica que o pequeno bilíngue, mesmo durante as fases iniciais do desenvolvimento linguístico, tem consciência de que as palavras justapostas podem não pertencer à mesma língua.

Tal conhecimento pode ser ilustrado por casos em que a criança hesita (observável em (15) e (17)), se autocorrige (analísável em (16)) e/ou faz comentários metalinguísticos. A seguir, alguns exemplos citados pela autora nos quais são produzidas frases por crianças de dois anos e meio falantes de alemão e **francês**:

(15) das ist, **boule** (isto é, **bola**)

(16) **le mouton...** schafe (**o carneiro...** carneiro)

(17) ein, eine **tortue** (um, uma **tartaruga**)

Percebe-se que as crianças compreendem desde muito cedo em que idioma devem interagir em determinadas situações e com determinados interlocutores. Com frequência hesitam antes de alternar os códigos e explicam desconhecer a palavra apropriada na outra língua. Em (18), exemplo de produção linguística de um bilíngue de 2;10, ilustra-se o fenômeno. (KÖPPE, 1996).

(18)

- seine füße sind...**dans la paille, dans la paille** (seus pés estão...**na palha**)

- die füße sind versteckt im stroh ne? (Os pés estão escondidos na palha, certo?)

- ja stroh (sim palha)

Nas ocorrências expostas acima é observável que a justaposição das línguas A e B não viola as regras sintáticas de nenhuma. Tal fato parece indicar boa competência linguística em ambas por parte de falantes bilíngues qualificados.

Para Genesee, Boivin e Nicoladis (1996), a criança possui uma habilidade precoce que a criança para diferenciar suas línguas desde cedo e tem a consciência de que possui dos códigos distintos. Levada a ter que interagir com um estranho monolíngue, alguém que apenas domina uma das suas duas línguas, a criança lança mão de estratégias que lhe permitam comunicar-se eficientemente.

Mesmo nos casos em que o estranho seja detentor apenas da língua não-dominante da criança, esta acomoda-se a ele e se faz entender. Em (19) tem-se um exemplo de diálogo entre um adulto monolíngue em inglês, alheio à família, com uma criança de 2;2, bilíngue **francês/inglês**, dominante em **francês**.

(19)

estranho: What's that? (O que é aquilo?)

criança: **Un boule** (**Uma bola**)

estranho: It's a square (É um quadrado)

criança: **Boule** (**Bola**)

estranho: A what? (Uma o quê?)

It's a ball? (É uma bola?)

Or a square? (Ou um quadrado?)

criança: **Regarde** cookie (**Olha** bolacha)

A partir do diálogo acima, pode-se observar que a criança compreende perfeitamente o inglês, embora não tenha ainda adquirido as estruturas necessárias para argumentar com o adulto. Consegue, no entanto, se comunicar ao produzir nessa língua uma única palavra - bolacha - que possui justamente a forma redonda sobre a qual ambos conversam. Constata-se que a criança bilíngue desenvolve a aptidão para julgar a

proficiência linguística de adultos estranhos muito antes do que as monolíngues, já que estas apenas dialogam com falantes totalmente competentes no seu único idioma.

3. Mitos envolvendo o bilinguismo infantil

Fatores muito importantes na aquisição bilíngue são as expectativas e o conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento da linguagem das crianças, bem como o que se pode esperar de uma situação bilíngue. Tais fatores relacionam-se diretamente a atitudes gerais em relação ao bilinguismo

Causados pelo preconceito acima descrito, há uma série de mitos relacionados ao bilinguismo em geral, e ao infantil em particular, que estão presentes no discurso de pessoas leigas, mas que também circulam entre profissionais, sobre a aquisição bilíngue da linguagem.

Conforme Baker (2014), é muito comum que profissionais da educação aconselhem os pais a abandonarem a língua familiar para facilitar a integração escolar da criança na língua majoritária. Esta atitude vai ao encontro do propósito de políticos que esperam que os imigrantes se assimilem rapidamente ao novo ambiente, mesmo correndo o risco de abandonarem sua própria língua e identidade.

Embora não se sustentem, tais ideias prontas interferem no comportamento de pais e professores que, mesmo desejando manter e desenvolver a língua de herança, desconhecem a forma de fazê-lo temendo prejudicar as crianças.

A seguir uma listagem de afirmações inverídicas colhidas entre informantes universitários, tanto da área de Letras quanto de outras áreas, em entrevistas direcionadas a descobrir as ideias comuns ligadas ao domínio de dois idiomas.

- O bilinguismo traz problemas para a sociedade.
- Crianças devem aprender uma língua bem e só depois a outra.
- No colégio é problemático falar mais de uma língua.
- Quem fala mais de uma língua não fala nenhuma direito.
- Passar de uma língua a outra mostra pouco conhecimento nas duas.
- Só depois de aprender completamente, inclusive a escrever, na primeira língua é que outra deve ser ensinada.
- É melhor esperar sintetizar bem uma língua antes de começar a estudar outra.
- Falar mais de um idioma em casa pode causar confusão mental na criança.
- Falar duas línguas é provocar confusão mental ou social.
- Ter que falar uma língua diferente na rua provoca sentimento de vergonha e exclusão.

- Quando se chega a uma casa e tem gente falando outra língua isso é falta de educação.
- Em cada país se fala uma língua e assim deve ser.
- Falar em outra língua é grosseiro porque quem não entende acredita que falam mal dele.
- Ensinar as crianças em casa a falar uma língua diferente não é positivo.
- Só vale a pena ensinar uma outra língua à criança se ela tiver prestígio no mundo.
- A criança que fala duas línguas demora mais a falar e fala pior que as outras.
- Quando o assunto é sério se deve falar a língua local.
- Se a língua for falada por pouca gente, como o húngaro, por exemplo, não tem motivo para ensinar aos filhos quando se vive no exterior.
- Morando nos EUA sempre é melhor o estrangeiro não falar a língua dele com os filhos.
- Falar mais de uma língua desde a infância é sinal de ser inteligente.
- É muito difícil falar duas línguas ao mesmo tempo, não tem como separar as duas, melhor não misturar.
- Só quem é inteligente aprende duas línguas ao mesmo tempo e sabe com quem falar cada uma.
- A língua minoritária – a de casa – faz perder tempo na aprendizagem da majoritária – a da escola.
- Se não se fala a nossa língua no exterior com os nossos filhos, depois é fácil que eles aprendam mais tarde.
- Deve-se sempre consultar os filhos sobre se querem ou não aprender a língua da gente.
- A criança poderá aprender quando quiser a língua dos pais, a qualquer tempo, e falará sempre como um nativo.
- Se se fala uma língua da qual não se é nativo com o filho desde bebê, ele falará como um nativo porque crianças aprendem rapidamente na infância.

- Quando chega uma visita que não fala a língua de casa, todos devem trocar de língua automaticamente para não ser um comportamento ofensivo.

De Houwer (1998) exorta os pais interessados em criar seus filhos como bilíngues a resistirem a afirmações de alguns médicos, fonoaudiólogos e terapeutas da fala em geral que insistem em afirmar que o bilinguismo pode trazer problemas à criança. Tais profissionais, ignorantes do que as pesquisas comprovaram há muitos anos, aconselham os pais a optarem pelo monolinguismo como uma forma de preservar as crianças de todo tipo de ‘confusões’ no momento de adquirir a linguagem. Argumentam que a língua do ambiente será mais bem adquirida sem a ‘concorrência’ da doméstica e que mais de um idioma pode levar a atrasos e desordens na aquisição da linguagem.

A autora aponta alguns pontos básicos que são imprescindíveis para aqueles que, tanto por gosto como por necessidade, pretendem que seus filhos sejam bilíngues:

- Fazer o que for natural para a família em termos de que língua usar em cada circunstância.
- Criar oportunidades para que a criança ouça ambos os idiomas em diferentes circunstâncias e com bastante frequência.
- Falar com todos os filhos seguindo o mesmo padrão: como a língua relaciona-se com as emoções, não convém que um filho seja tratado diferentemente em termos linguísticos.
- Evitar mudanças no referente à língua em que se fala à criança, especialmente até os seis anos de idade.
- Encorajar a criança a usar a língua que se quer com certa pessoa e desencorajá-la a usar a outra através do pedido para que repita a frase ou através da apresentação das palavras na língua objeto como alternativas ao que ela diz. É também possível usar a estratégia de ‘fingir’ não ter compreendido.
- Não punir a criança por ter empregado ou por ter deixado de empregar uma língua em particular.
- Fazer teste de audição se a intuição assim o indicar sem dar atenção aos conselhos dos que atribuem problemas e retardos ao bilinguismo em si.

4. Considerações finais

O preconceito e os temores injustificados relacionados ao bilinguismo, principalmente infantil, provocam a perda da oportunidade de que se fale duas ou mais línguas desde cedo, além de causar sérios danos à autoestima de crianças, que se veem privadas de dominar sua língua de herança.

Cada vez que os pais ou a família se negam a exigir que a criança produza enunciados em ambas as línguas, estão implicando a perda irreparável de parte do repertório linguístico-afetivo de que ela poderia lançar mão para o resto da vida.

Além disso, contribuem diretamente para o fomento de crenças equivocadas a respeito do que sejam os falantes ideais e as comunidades linguísticas nas sociedades.

O segredo de criar bilíngues precoces é permitir que tenham acesso a ambientes com mais de uma língua e exigir-lhes a produção em ambos desde cedo, já que não fazê-lo provocará um bilinguismo apenas passivo, na melhor das hipóteses.

Some considerations about child bilingualism

ABSTRACT: This work aims to discuss myths which circulate not only among laity but among professionals, about the bilingual language acquisition. Although unsupported, these common misconceptions interfere with the behavior of parents and teachers who, despite wishing to maintain and develop the heritage language, do not know how to do it and fear they will confuse the children. Through statements collected in different areas, we will show that as much as most of the world's population is not monolingual and most have acquired their languages in infancy, according to the studies in the context of the Languages in Contact, the topic still raises doubts of varied kind in the community.

Key words: child bilingualism; equilinguism; early bilingualism; balanced bilingualism; *code-switching*

Referências bibliográficas

BAKER, C. *A parents' and teachers' guide to bilingualism*. Bristol: Multilingual Matters, 2014.

DE HOUWER, A. Aquisição bilíngue. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (eds.) *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DE HOUWER, A. Two or more languages in early childhood: some general points and some practical recommendations. *AILA News*. (The twice yearly newsletter of the *Association Internationale de Linguistique Appliquée*) Vol. 1, N° 1, 1998.

DEPREZ, C. *Les enfants bilingues: langues et familles*. Paris: Didier, 1994.

GARCEZ, P; ZILLES, A. Estrangeirismos: empréstimo ou ameaça? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. *O direito à fala. A questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

GENESEE, F.; BOIVIN, I.; NICOLADIS, E. Talking with strangers: a study of bilingual children's communicative competence. *Applied Psycholinguistics*, 17, 1996.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

KÖPPE, R. Language differentiation in bilingual children: the development of grammatical and pragmatic competence. *Linguistics*, 34, 1996.

LANZA, E. Can bilingual two-years-old code-switch? *Journal of Child Language*, 19, 1992.

MEISEL, J. Early differentiation of languages in bilingual children. In: HYLTENSTAM, K.; OBLER, L.K. *Bilingualism across the lifespan: aspects of acquisition, maturity and loss*. Cambridge: C.U.P., 1989.

MOZZILLO, I. O mito da pureza linguística confrontado pelo conceito de code-switching. In: VIII CELSUL 2008, *Anais...* 2008

MOZZILLO, I. Por que estudar a aquisição da linguagem por crianças equilíngües? In: LEFFA, Vilson, J. (compilador). TELA (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000a.

MOZZILLO, I. As primeiras combinações de palavras em crianças bilíngües. In: LEFFA, V. J. (compilador). TELA (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000b.

OLIVEIRA, Gilvan M. de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. *O direito à fala. A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

Data de envio: 30/10/2014

Data de aceite: 04/04/2015

Data de publicação: 03/08/2015